

JOVENS TRABALHADORES: EXPERIÊNCIA DO TRABALHO E CONDIÇÃO JUVENIL

Carolina Morais Simões de Melo¹

Eduarda Coelho da Silva²

Marina Lopes Barbosa³

Paula de Oliveira Purgato⁴

Maria Aparecida Tardin Cassab⁵

RESUMO

O estudo busca conhecer os destinos de trabalhadores assumidos pelos jovens na contemporaneidade (HELLER, 1987). Os dados foram obtidos em levantamento realizado na RAIS – Relação Anual de Informações Sociais, buscando traçar o perfil dos jovens metalúrgicos em Juiz de Fora, bem como mensurar suas condições de trabalho, implicações e condições de vida. O estudo mostra que a condição juvenil é um complicador na sua inserção no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Condição Juvenil. Escolarização.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é continuidade de um estudo mais amplo, que trata da inflexão dos destinos (HELLER, 1987) assumidos pelos jovens na contemporaneidade. Especificamente, o presente trabalho aborda a juventude trabalhadora inserida no campo da metalurgia em Juiz de Fora, com o objetivo de traçar o perfil dos jovens trabalhadores, assim como de mensurar suas condições de trabalho e as implicações em suas condições de vida.

Em um primeiro momento, busca-se realizar uma abordagem da concepção de juventude como categoria sociológica, apresentando os três destinos possíveis aos jovens, destacando-se, aqui, o de jovens trabalhadores. No segundo momento, será apresentada a metodologia utilizada na pesquisa. Em seguida, é feita uma contextualização das modificações ocorridas no mundo do trabalho, resultado do processo de reestruturação produtiva, e seus reflexos na vida dos jovens trabalhadores.

1 Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq

2 Bolsista de Treinamento Profissional/UFJ

3 Bolsista de Iniciação Científica BIC/UFJF

4 Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Ações Afirmativas/CNPq

5 Professora Orientadora - Faculdade de Serviço Social, UFJF, e-mail: cassab@powerline.com.br

A juventude se mostra, inicialmente, como uma categoria claramente etária, mas sua conceituação é uma produção socio-histórica. Cada época e sociedade atribuem diferentes concepções, representações e funções a ela.

Segundo Groppo (2000), a categoria juventude é, ao mesmo tempo, uma representação social e uma situação social formada através de representações simbólicas, de um conjunto de comportamentos, atitudes e situações em comum. Porém, apesar de existirem traços comuns à juventude, tal categoria não pode ser tratada como homogênea, uma vez que as situações vivenciadas pelos jovens não se apresentam da mesma maneira, se distinguindo de acordo com as diferenças de condições social, raça, etnia e gênero. É nesse sentido que se fala em *juventudes* no plural.

Abramo (2005) considera ainda que existe uma diferença entre *condição juvenil* e *situação juvenil*, importante para compreender as particularidades da vivência da juventude. A *condição juvenil* diz respeito ao que é comum aos jovens, de forma geral, em sua dimensão simbólica, o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida. A *situação juvenil* está relacionada às diferentes formas de inserção social, política e econômica dos jovens, que vão diferenciar a vivência da juventude nos diferentes grupos, revelando como tal condição é vivida, através dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc.

A partir da revolução industrial na Europa, há uma transformação nos modos de vida dos sujeitos. O direcionamento adotado pela pedagogia da época e pelas famílias pautava-se na vigilância, na disciplina e na obediência. Essa postura adotada com os jovens burgueses se reproduz também na família dos jovens operários, estes excluídos da escola e precocemente inseridos no mundo do trabalho nas fábricas (CASSAB, 2001).

Segundo Fraga e Iulianelli (2003), tal vigilância produziu mitos sobre os jovens, que passaram a ser percebidos como violentos e contestadores, com tendência a cometerem atos de vandalismo e práticas ilícitas, como forma de afirmação de “identidade”, o que, na verdade, se configura como formas de resistência atreladas às atribuições sociais e culturais. Surge, nesse momento, a figura do jovem delinquente. Esse cenário faz com que sejam formuladas políticas de segurança direcionadas especificamente a esse público, tendência que permanece até os dias atuais, na medida em que a juventude é tratada como problema social e objeto privilegiado de ação da segurança pública.

Aos jovens pobres, então, que não seguem o caminho da delinquência, só resta o do trabalho, vivenciando, de forma diferente, a fase da juventude. Eram responsáveis pelo seu próprio sustento, mas não eram independentes dos pais, “são adultos em relação aos deveres, não em relação aos direitos, que não têm” (PERROT apud CASSAB, 2001).

Pode-se afirmar que a primeira metade do século XX é aquela em que se dá o ápice da grande invenção da juventude, tanto pelo mercado consumidor que se formava, quanto por se caracterizar como força social dinâmica que representava o progresso (CASSAB, 2001). Esse fenômeno se expressa principalmente na cultura, no cinema, na música, na moda, na linguagem que vão identificar a juventude. A expansão da produção e a ampliação de mercados consumidores geram condições favoráveis aos jovens, com relação à inclusão no mercado de trabalho, sobretudo na década de 60. Esses jovens se tornam alvo do mercado consumidor, que direciona produtos especialmente para esse grupo, atraindo, assim, novos e diferenciados olhares.

Segundo Abramo (2005), na sociedade moderna, no século XX especificamente, a juventude nasce como uma *segunda socialização*, como um tempo a mais de preparação para as exigências do mundo moderno industrial. Essa preparação é feita em uma instituição específica, a escola, e suspende a participação no mundo produtivo. Ou seja, a condição juvenil passa a ser delimitada por essas duas situações: ficar livre das obrigações do trabalho e se dedicar aos estudos, o que significa ter um tempo maior de preparação para entrar na vida adulta.

Ainda que não se conformem identidades rígidas e se estabeleçam interfaces e campos de convergência, entre eles três destinos podem ser pensados.

Um primeiro grupo de jovens é aquele que está capturado nas redes ilegais do narcotráfico e do crime organizado. São os “soldados” do tráfico e têm seu modo de vida, mobilidade espacial e tempo cotidiano definidos por essa forma de inserção. Seu horizonte de expectativas está circunscrito ao imediato, dentro da imediatez.

O outro grupo é o dos usuários da assistência. Sua condição de usuários das políticas de assistência, seja através de programas de transferência de renda, tais como os que distribuem bolsas, seja através do atendimento na rede de prestação de serviços assistenciais, os definem como pobres. Essa implicação localiza esses indivíduos em sua relação com outros e no universo das relações da política e do pertencimento de classe. Apesar de sujeitos de direito não se constituem como sujeitos da e na ação política.

Para pensar sobre o terceiro grupo de jovens, é preciso entendê-los em suas aspirações e esforços de diferenciação. A crescente precarização e instabilidade do emprego, com a perda dos direitos sociais assegurados pelo emprego formal, a política de sistemática demonização dos jovens e a judicialização de seus comportamentos cumprem, também, o papel regulador do mercado de trabalho. Esse movimento se dá em dois sentidos, tanto de exclusão física de parte dos jovens, como de exemplificação para aqueles que lutam por sua inserção no mundo do trabalho.

RESULTADOS

Com base nos dados pesquisados, buscou-se analisar, primeiramente, a dimensão das empresas do ramo metalúrgico de Juiz de Fora, seguido do perfil dos jovens metalúrgicos, como sexo, faixa salarial, escolaridade, ocupação e jornada de trabalho. Os cruzamentos foram feitos, buscando relacionar o universo total dos metalúrgicos com o universo dos metalúrgicos jovens. Os gráficos foram formulados pelos pesquisadores, com os dados obtidos na plataforma RAIS/CAGED, 2010, financiada pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que se encontra disponível no *site* do Ministério do Trabalho e Emprego.

De acordo com a Convenção Coletiva de Trabalho 2010/ 2011, tomando como referência a classificação para fins de piso salarial, caracterizam-se como microempresas aquelas que possuem de 1 a 20 empregados; como pequenas, as de 21 a 100; como médias, entre 101 e 200 trabalhadores e como grandes, as com mais de 200 empregados. Foram utilizadas faixas aproximadas, tendo-se como referência os intervalos disponíveis na RAIS, que pouco se diferenciam da faixa proposta pela Convenção.

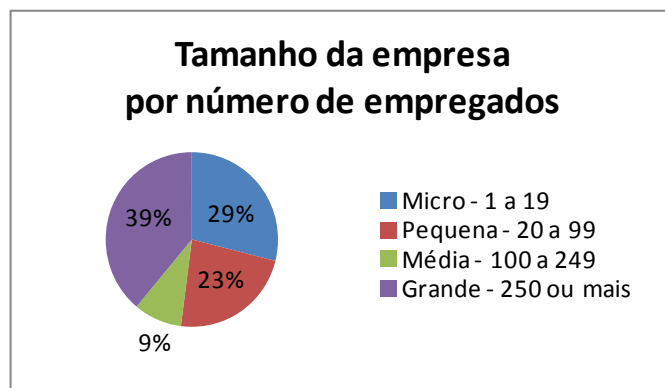


Figura 1 - Tamanho da empresa por número de empregados. Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Percebe-se, então, de acordo com a Figura 1, que Juiz de Fora se caracteriza pela predominância de Micro e Pequenas empresas no ramo da metalurgia, visto que 52% possuem entre 0 e 99 funcionários, representando metade do total. É possível perceber também que, dentro das grandes empresas, há uma concentração na faixa de 500 a 999 empregados, somando 25%, o que significa que há um número muito pequeno de empresas que possuem acima de 1000 funcionários (apenas 6%).

O total de metalúrgicos encontrados no município, em 31/12/2010, foi de 7549. Destacam-se, com maior concentração de trabalhadores, os mecânicos de manutenção de veículos automotores, técnicos em eletrônica, trabalhadores de caldeiraria e serralheria, mecânicos de manutenção de máquinas industriais, técnicos de controle de produção, trabalhadores de instalações elétricas e montadores de máquinas, aparelhos e acessórios em linhas de montagem, respectivamente.

Tais dados referentes às famílias ocupacionais permitem concluir que a maior parte dos metalúrgicos se encontra trabalhando no chão da fábrica, estando concentrados nos grupos de trabalhadores da produção de bens e serviços industriais e no grupo de trabalhadores de reparação e manutenção, segundo definição da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações).

Ao analisar o número de jovens metalúrgicos (entre 18 e 24 anos) em relação ao universo (Figura 2), observa-se que estes representam 17,8% do total de 7549 metalúrgicos em Juiz de Fora, o que soma 1290 metalúrgicos jovens. Destes, 23,8% entram no mercado de trabalho com nível técnico, o que demonstra a exigência de qualificação profissional do jovem para ingressar no mundo do trabalho.

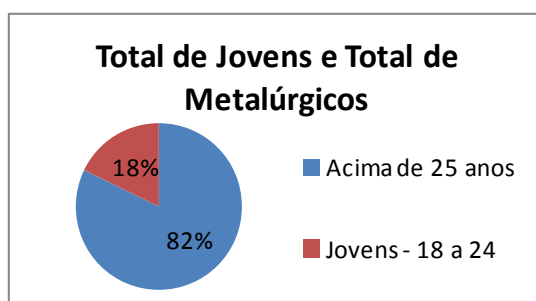


Figura 2 - Total de jovens e total de metalúrgicos. Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Referente à questão de gênero, a categoria se apresenta predominantemente masculina, totalizando 94,4%. As mulheres, portanto, representam 5,6% do universo de metalúrgicos. Vale ressaltar que as mulheres estão concentradas na família de técnicos de controle de produção, ou seja, estão em cargos de chefia.

Entre os jovens, 92,4% são do sexo masculino e 7,6%, do sexo feminino. As jovens mulheres metalúrgicas se concentram nos técnicos de controle de produção, repetindo-se, portanto, o que se verifica entre o total de mulheres metalúrgicas.

As famílias ocupacionais que aparecem com maior frequência entre os jovens são, respectivamente, mecânicos de manutenção de veículos automotores, técnicos em eletrônica e ajustadores mecânicos polivalentes. Observa-se que os técnicos em eletrônica aparecem com alta frequência, tanto no total de metalúrgicos, como entre os jovens metalúrgicos, o que mostra que os trabalhadores que entram com essa qualificação permanecem no mercado como tais.

Já a presença de jovens na ocupação de ajustadores mecânicos polivalentes soma, aproximadamente, 8%, enquanto, no total dos metalúrgicos, representa 2,6%. Percebe-se, então, que o trabalho polivalente, que se caracteriza por ser menos especializado, se apresenta como porta de entrada do jovem no mercado de trabalho, mas possui certa mobilidade, passando o trabalhador a ocupar outras funções na empresa.

Acrescenta-se que o nível de escolaridade dos adultos e dos jovens não se diferencia significativamente, o que indica que, apesar de ocuparem cargos de trabalho polivalentes, possuem nível de escolarização comparável ao dos adultos. A Figura 3 mostra que a maioria dos jovens (52,9%) completou o Ensino Médio, dado que se repete no universo total de metalúrgicos, onde a metade, 50,4%, também completou o Ensino Médio. Ainda entre os jovens, 18,3% não completaram o Ensino Médio e apenas 12 entre os 1290 jovens – menos de 0,5% - chegaram ao Ensino Superior; com relação ao universo total, essa porcentagem sobe para 5,3%. Com relação à Pós-Graduação (mestrado e doutorado), não há nenhum jovem nesses níveis.

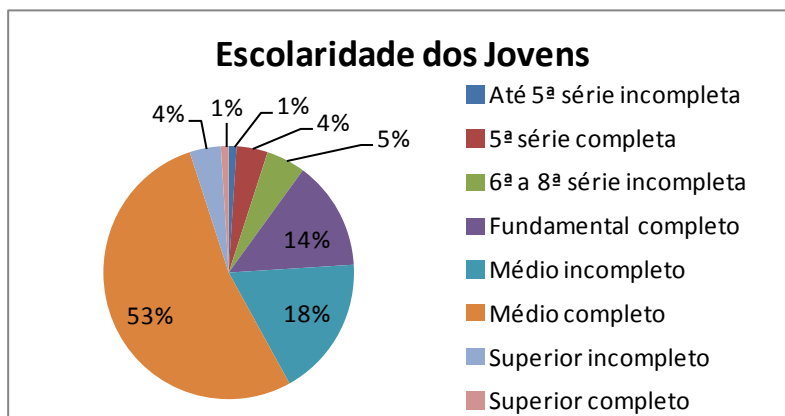


Figura 3 - Escolaridade dos jovens. Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Os jovens pobres, muitas vezes, precisam trabalhar para complementar a renda familiar, o que acarreta no seu ingresso prematuro e de forma precária no mercado de trabalho, levando a um consequente abandono dos estudos, condição que acaba por perpetuar e ampliar o ciclo de pobreza presente na família.

Um ponto considerado importante para análise refere-se ao fato de a vida do operário fora do trabalho praticamente inexistir, enquanto tempo “seu” na contemporaneidade, uma vez que a acumulação flexível faz com que não haja uma distinção entre o universo do “lar” e o da “produção”, sendo tudo integrado à lógica flexível. Os trabalhadores são atormentados pela insegurança de perder o emprego e pela necessidade de se qualificar o tempo todo.

Os dados constatados reforçam ainda uma questão muito importante, levantada por Pochmann, que chama de “heróis” aqueles que conseguem estudar e trabalhar:

Os brasileiros pobres que estudam e trabalham são verdadeiros heróis. Submetem-se a uma jornada de até 16 horas diárias, oito de trabalho, quatro de estudo e outras quatro de deslocamento. Isso é mais do que os operários no século XIX (OLIVEIRA, 2011).

Outros dados que reforçam a ideia de Pochmann dizem respeito à jornada de trabalho (Figura 4), mostrando que 88,6% dos jovens trabalham de 41h a 44h/semanais, o que resulta numa jornada média maior do que a citada pelo autor, representando mais de 8 horas diárias. Do total de jovens, pouco mais de 4% teriam condições de estudar simultaneamente ao trabalho, uma vez que trabalham de 16h a 20h/semanais, ainda assim considerando as dificuldades de deslocamento e o desgaste que tanto a profissão, quanto qualquer curso, superior ou não, causam.

A alta jornada de trabalho não é vivenciada apenas pelos jovens, pois, dentre o total, a maioria – representando 82,3% - também trabalha de 41h a 44h semanais. Em proporção menor à dos jovens, aproximadamente 1% trabalha de 16h a 20h semanais.

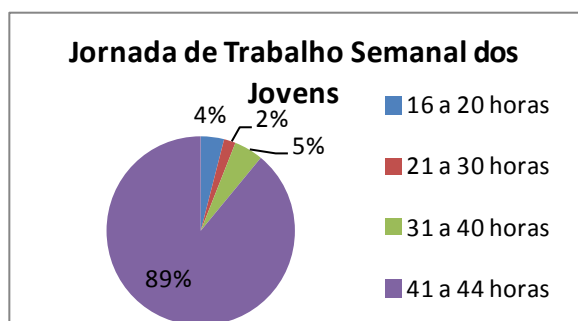


Figura 4 - Jornada de trabalho dos jovens. Fonte: RAIS – CAGED 2010.

Com relação à faixa salarial (Figura 5), constatamos que, no total de metalúrgicos, há maior concentração na faixa de 1,0 a 4,0 salários mínimos, sendo 30% de 1,0 a 1,5 salário, 15% de 1,5 a 2,0 salários, 17% de 2,0 a 3,0 salários e 11% de 3,0 a 4,0 salários mínimos, totalizando um pouco mais de 70%.

Analisando o mesmo dado entre os jovens (Figura 6), encontra-se que aproximadamente metade deles (52%) recebem entre 1 e 1,5 salário mínimo. Selecionando-se a mesma faixa acima, de 1 a 4 salários, soma-se 85% do total, sendo 16% entre 1,5 e 2 salários, 10% entre 2 e 3 e 7% entre 3 e 4 salários. Dessa forma, vemos que, entre os jovens, há uma concentração nas faixas mais baixas de salário, em comparação com o total dos metalúrgicos, como demonstram os gráficos.

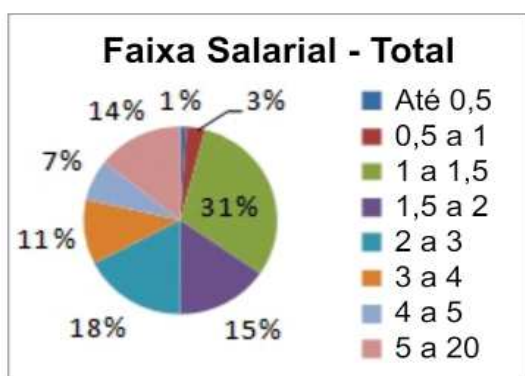


Figura 5 - Faixa salarial por salários mínimos do total.

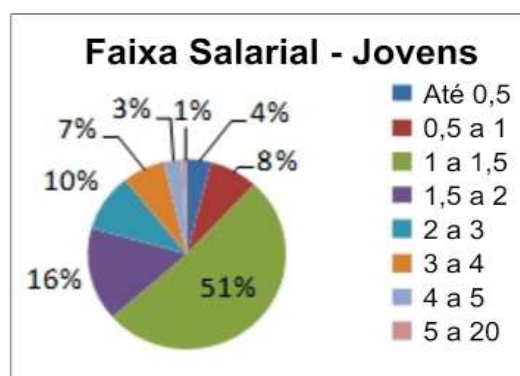


Figura 6 - Faixa salarial por salários mínimos dos jovens.

Fonte: RAIS - CAGED 2010.

Relacionando-se a faixa salarial com a jornada de trabalho, é possível observar que a jornada dos jovens e do total dos metalúrgicos se concentram na mesma faixa de carga horária – 41h a 44h semanais – mas o salário dos jovens é mais baixo, com relação ao salário do total dos metalúrgicos.

Analisou-se, também, o tempo de serviço. Enquanto a maioria – 18,6% - dos metalúrgicos se encontra empregada de 60 meses a 119,9 meses (5 – 10 anos), apenas 1,9% dos jovens estão empregados pelo mesmo período. Diferentemente do total, a maioria dos jovens – 24,4% - se encontra empregada de 6 meses a 11,9 meses (6 meses – 1 ano), o que pode indicar uma rotatividade desses jovens. Com relação ao período de 12 a 23,9 meses, constatamos que há uma frequência

maior entre os jovens, que representam 17,6%, enquanto, no total dos metalúrgicos, esse número cai para 13%.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Nos últimos tempos, houve um aumento de interesse pela juventude, mas a valorização de seus atributos não representou maior projeção para os jovens, nem conquistas de espaços sociais mais relevantes. Os processos que privilegiam a acumulação do capital em detrimento dos investimentos sociais afetaram os jovens, assim como toda a sociedade. Porém tais reflexos parecem ser mais cruéis em relação aos jovens e crianças, levando-se em conta, por exemplo, as dificuldades vividas pelos jovens em relação ao acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Segundo Leon (2007), os jovens são um dos grupos que mais sofrem com o desemprego, possuindo dificuldade de inserção e permanência no mercado de trabalho. Essa situação pode ser percebida nos dados analisados, uma vez que, do total de metalúrgicos, apenas 18% possuem entre 18 e 24 anos. Alguns dos fatores que dificultam essa inserção são: a progressão da idade, o seu rendimento e de sua família, a escolaridade de seus pais, a sua classe social e a falta de escolaridade adequada.

O jovem metalúrgico encontrado na pesquisa é predominantemente do sexo masculino, na faixa de idade entre 18 e 24 anos e se insere nas empresas em ocupações menos especializadas, mas com certa mobilidade, podendo ocupar outras funções. Concentram-se nas mesmas ocupações que os adultos, possuem a mesma jornada de trabalho (41h a 44h semanais), mas recebem salários mais baixos. A maioria (53%) possui Ensino Médio completo e poucos (0,5%) atingiram o Ensino Superior, o que se explica pela alta jornada de trabalho e mostra a dificuldade em continuar a escolarização e de se inserir em postos de trabalho menos precários.

De acordo com os dados apresentados, é possível perceber a materialização dos reflexos da reestruturação produtiva no mundo do trabalho, principalmente nas novas exigências colocadas aos jovens. Estes, em especial, são incluídos numa lógica de flexibilidade e é exigida deles uma identidade de *jovem-adulto-flexível* (ARAÚJO, 2009). Esse novo segmento operário emergiu da fábrica reestruturada, mas cabe salientar que as transformações decorrentes do processo de reestruturação produtiva se iniciam na fábrica, mas estendem-se, também, para a vida social, impactando no modo de ser, agir e pensar desse novo segmento operário, causado pelo trabalho flexível.

Os jovens que conseguem se inserir no mercado de trabalho formalmente, no caso os jovens metalúrgicos, enfrentam condições peculiares, em relação aos outros trabalhadores. Entram em cargos menos especializados, com uma jornada de trabalho que consome todo o seu tempo e impede a continuidade dos estudos, que, para eles, representa a busca por melhor qualificação e a possibilidade de novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, em postos menos precarizados. Esse cenário é percebido uma vez que os jovens recebem salários mais baixos, apesar de cumprirem a mesma carga horária e ocuparem os mesmos postos de trabalho que os demais trabalhadores.

Tal situação acaba por comprometer a fase da juventude, que é considerada um momento de transição para a vida adulta e em que há um amadurecimento social. O jovem que vivencia a insegurança de perder o emprego e a necessidade de se qualificar o tempo todo não consegue aproveitar o seu tempo livre, o que compromete a sua formação enquanto sujeito. Isso faz com que ele não consiga vivenciar o seu período de moratória, prejudicando a sua preparação para a vida adulta. Nesse sentido, é possível perceber que há diferentes formas de vivência da fase da juventude, que irão se configurar de acordo com a situação juvenil, por meio do recorte de classe (ABRAMO, 2005).

Cabe salientar que as mudanças econômicas ocorridas na última década repercutem no mercado de trabalho, sendo o desemprego estrutural uma das consequências desse processo. Logo, as dificuldades impostas pelo novo contexto, tanto de inserção como de permanência no emprego, repercutem em toda a sociedade, mas os jovens, de maneira especial, são mais vulneráveis, sendo o grupo que mais sofre com o desemprego e com a dificuldade de inserção e permanência no mercado de trabalho.

AGRADECIMENTO

A pesquisa foi apoiada pela FAPEMIG.

YOUNG WORKERS: EXPERIENCE OF LABOR AND JUVENILE CONDITION

ABSTRACT

This study aims at analyzing the destiny assumed by young people as workers in the contemporary society (HELLER, 1987). Our research data were obtained in a survey conducted by RAIS - Relação Anual de Informações Sociais, trying to trace the profile of young metalworkers in Juiz de Fora, as well as to measure their working and living conditions. The study shows that the condition of youth is a complicating factor in their integration into the world of work.

Keywords: Work. Juvenile Condition. Schooling.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ARAÚJO, R. B. O metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC paulista e o novo metabolismo produtivo-social do capital à época contemporânea. In: ALVES, G.; FIGARI, C. (Orgs.). *La precarización del trabajo en América Latina: perspectiva del capitalismo global*. 1. ed. Londrina: Praxis, 2009.

CASSAB, M. A. T. *Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.

FRAGA, P. C. P.; IULIANELLI, J. A. S. Introdução: juventude, para além dos mitos. In: *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A/Lamparina, 2003.

GROPPO, L. A. Juventude. *Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HELLER, A.; FEHÉR, F. *A condição política pós-moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

LEON, A. L. P. Juventude, juventudes: uma análise do trabalho e renda da juventude brasileira. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/Unesco, 2007.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Cadastro Geral de Empregados e Desempregados: CAGED – 2010*, financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT. Disponível em: www.mtecbo.gov.br. Acesso em: 01 de ago. 2011.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010*. 3. ed. v. 1. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em <www.mtecbo.gov.br>, acesso em: 10 de out. 2011.

OLIVEIRA, F. C. *Pochmann: pobres que trabalham e estudam têm jornada maior que operários do século XIX*. Disponível em: www.viomundo.com.br. Acesso em: 01 de out. 2011.